

Preço avulso — 20 réis

# GRANDE FOLHA

## SEMANARIO

ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL: Joaquim dos Anjos  
SECRETARIO DA REDACÇÃO: Hogan Toves

PROPRIETARIOS: Hogan Toves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

**ASSIGNATURAS**

LISBOA — Série de 15 números ..... 300 rs.  
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 números ..... 400 rs.

LISBOA

21 de janeiro de 1904

Editor: THOMAS RODRIGUES MATHIAS

Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»  
Largo do Conde Barão, 50

### Visconde S. Luiz Braga

O theatro seduz as organizações artisticas como uma mulher formosa attrae um escultor de raça. Foi o que succedeu ao visconde S. Luiz Braga. Oriundo d'uma familia abastada, entrou na vida sem ter que lutar por ella, sem ter que a encarar pelo seu lado prosaico e miseravel. Pôde então entregar-se, sem entraves nem obstaculos, ás predilecções que mais acariciavam o seu ideal de arte, aos seus anhelos para participar e ser factor importante no progresso do Theatro.

Começou o seu tirocinio de empresario na cidade de S. Paulo, no Brazil, a cidade mais culta e exigente em tudo quanto se prenda com o movimento intellectual do mundo. Breve ganhou as suas esporas de cavalleiro n'essa missão, uma das mais espinhosas e difficilissimas, e d'um salto, pôde dizer como Cesar: *Veni, vidi, vici*. S. Luiz Braga encontrara o seu meio, e realisara o seu sonho. Dentro em pouco tomava a direcção de cinco theatros, situados em terras diferentes e distantes, e eil-o no Rio de Janeiro, como um estadista no fundo do seu gabinete, contractando companhias, organisando espectaculos, redigindo cartazes, resolvendo difficuldades, trabalhando insanamente, dando eloquentes provas do que vale a sua prescencia no complexo *métier*. Venceu em toda a linha.

Então esse bello espirito, lucido, de largas vistas, imprimiu um benefico e salutar impulso ao theatro brasileiro e indirectamente ao portu-guez.

O intelligente e generoso empresario não só auxiliou e coadjuvou os escriptores dramaticos americanos, levando arrojadamente á scena peças cujo exito era problematico, mas ainda sem olhar a despezas e tendo confiança absoluta na sua boa estrella vestiu, ornamentou, n'uma palavra, pô-las de pé, com um luxo desusado e

verdadeiramente deslumbrante. Os resultados obtidos justificaram o arrojamento: *Audaces fortuna juvat*.

Um dia, das suas relações com Guilherme da Silveira e da sua ininterrupta amizade com o sympathico e opulento capitalista Ramos, nasceu a idéa de construir o theatro *D. Amelia* de Lisboa.

Quando o boato se espalhou pela nossa capital, os menos incredulos tiraram-se da

Os romanos veneravam com profundo respeito os seus deuses lares, pois o visconde S. Luiz Braga é o deus lar da elegante casa de espectaculos.

Se é verdade que o theatro é importante elemento de educação para um povo, S. Luiz Braga é um benemerito. Depois de construir a mais artistica, commoda e aperfeiçoada sala de Lisboa, alcançou reunir em redor de si um grupo de eminentes actores e actrizes, e conserva sempre a sua casa e a sua bolsa aberta para os originaes portuguezes, alguns até anticipadamente condemnados.

A par d'isto e provando com mais de um sacrificio pecuniario quão desvelada protecção lhe merece a arte nacional, n'uma alta comprehensão do seu duplo papel de empresario e de homem culto, tem diligenciado e conseguido trazer a Lisboa e exhibir na sua casa o que o estrangeiro possui de mais notavel e intrinseco em talento.

A quem, por qualquer circumstancia, não pôde ir lá fora extasiar-se ante o trabalho dos grandes mestres da scena, facultou-lhe o visconde S. Luiz Braga o prazer de ver desfilar por diante de si, n'aquelle variadissimo cosmorama artistico, que é o theatro *D. Amelia*, entidades fulgurantes como Emmanuel, Noveli, Zaccanti, Coquelin ainé, Duse, Maria Guerrero, Jane Hading, Judic, Antoine, Sarah Bernhardt, Réjane, Bartel, e tantos outros como agora Maerterlinck e Malats, que formariam extensissima lista. Desfilou e desfila por aquella ribalta o que ha de mais insigne na tragedia, no drama, na alta comedia, na opereta, na zarzuela, em orchestras, variando, por assim dizer infinitamente, a qualidade e a natureza dos espectaculos, de modo a transformar a magnifica sala n'um templo da arte dramatica e musical cosmopolita.

A critica, algumas vezes apaixonada, nem sempre presta inteira justiça aos esforços tão persistentes e tão bem orientados do visconde S. Luiz Braga, mas o illustre empresario, sem nada perder do



Visconde S. Luiz Braga

tentativa e os mais serios asseguravam, como aruspices conhecedores dos segredos do Olympto, que eram theatros a mais para terra tão pequena.

A construcção fez-se, e, como se obedecesse á varinha de condão d'uma d'essas tão lendarias fadas, surgiu dos caducos predios da rua do Thesouro Velho, como por encanto, o edificio que todos visitam e admiram, chamado theatro *D. Amelia*.

seu espirituoso bom humor, encolhe os hombros com fleugma, convencido que a momentanea iniquidade rapido desaparecerá e que até os menos affectos á empresa breve lhe renderão homenagem do mais intimo da sua alma.

O visconde S. Luiz Braga é, além de um homem que conhece profundamente o theatro, um caracter extremamente affavel e bondoso, illustrado, de conversação adoravel, e um espirito sempre accessivel ao bem, como o testemunha o enthusiasmo com que acolhe qualquer obra de caridade em que seja necessaria a sua intervenção, e de que o seu theatro tem sido innumeras vezes hospitaleiro recinto.

EDUARDO DE NORONHA.

## MISCELLANEA THEATRAL

XL

Somos sollicitados a elaborarmos uma acentada palestra concernente ao maior critico francez do seculo passado, historiador e philosopho insignem. E' nos defeso pela indole destes nossos escriptos e folião do *Grande Elias* alongarmos nos extensamente sobre as vidas dos homens illustres. Corremos o dever de sermos concisos sob este duplo aspecto biographico e historico. Apontaremos uma ou outra obra, — a que soblevava todas; com o celebre polygraph alre, tendo uma excepção por serem fundamtaentes em sciencia critica quatro dos seus livros:

1.<sup>o</sup> — *Origem da França Contemporanea*. Como labor investigador e alto critico philosophico só conhecemos em francez todas as produções de Touqueville e as de Fustel Collingues, e do patrio idioma. Hevenculos, que passam emparelhar com a monumental disquisição de Maine.

2.<sup>o</sup> — *Historia da Literatura Inglesa*. O famoso critico, já mencionado, Fraser Rae, sustenta, sem quebra do proverbial amor patrio britânico, que na lingua de Carlyle não ha melhor repositório e mais seguros juizes sobre a refugenda pleiade de vultos litterarios e philosophicos da Grã Bretanha.

3.<sup>o</sup> — *Philosophia da Arte*. Não é permitida aos dedicados a applicação desta ordem não a delectarem e assimilar.

4.<sup>o</sup> — *Da Intelligencia*. E' um dos productos mentaes de mais pujante influxo na evolução philosophica da humanidade.

O existio actual professor de philosophia moderna na Sorbonna, Emilio Boutroux, regista a respeito da acção de Taine: «E' provavel que um metaphysica elle não só contribuiu para a desenvolvimento do movimento positivista; mas pelo mixto de especulação e de observação, que lhe caracterisa a obra, por causa da desproporcionalidade visivel das premissas e das conclusões, mais do um espirito reagiu contra o positivismo. Influxo indirectamente para o renascimento do idealismo.»

E não actuou elle poderosamente, aceresentarmos nós para remate, sobre os criticos mais recentes: Hennequin, Doumic, Lanson e Texte?

E o famoso Mauricio Barrès resume tudo no seguinte: — «Como educador, Taine affigura-se me inigualavel.»

Lida agora a correspondencia... no proximo numero abriremos a sessão... Ordem do dia, ou da noite: — POSSIBILIDADE DA CRITICA DRAMATICA EM PORTUGAL.

Alfredo Oscar May.

N'uma *première*:

— Estou no meu direito de patrar, que o senhor nada tem com isso!

— E eu no meu direito de applaudir, que o senhor nada tem com isso tambem!

— E eu hei de patrar mesmo em sua venetas!

— E eu (dando-lhe uma tremenda bofetada) hei de applaudir mesmo na sua cara, assim!



## O theatro do avêso

III

A litteratura estrangeira invade-nos em todos os campos: no romance, na tragedia, no drama, na comedia, na opera e na operetta; não ha maneira de se lhe escapar.

Canta-se em italiano, representa-se em francez e o theatro estrangeiro causa as delicias da platéa, e que obriga as empresas a pôr em scena traduções de preferéncia a originaes.

Poucos pensam na liberdade de produzir, sentindo-se antes mais commodos, mais lionizados pela indolencia entregando-se á versão. As produções originaes são uma hypothese dispendiosa; a adopção de idéas, costumes, vida, qualidades, que não são nossas, que não representam um influxo da existencia portugueza, constituem um hero certo.

Muito longe estamos de condemnar a vinda de companhias estrangeiras; pelo contrario. Na actual ordem de idéas, é o unico meio de dar de comer a muitos que com isso aproveitam: muscosos, operarios, etc. E' até uma necessidade para conhecermos o movimento dramático lá de fora.

De'ate estado de coisas são muitos os culpados e á imprensa, com certeza, não cabe a menor parte. Os romances, os compendios, os methodos, a pintura, os dramas, as esculpturas, a educação, a pedagogia, tudo vem lá de fora ou lá foi buscar os seus principaes conhecimentos.

Um povo não perde só a sua autonomia porque um exercito lhe invadiu a fronteira, destroçou as tropas, desmantellou as fortalezas e lhe occupou as cidades; perde-a especialmente quando omega da sua litteratura, da pureza da linguaagem, quando afere as suas manifestações artisticas por normas alheias, quando perde o fundo característico da sua raça, quando vai substituindo systemáticamente o que é propriedade sua pelo que lhe exportam avariado ou improprio.

Evitar taes inconvenientes parece-nos ser assumpto digno de estudo por parte de quem tem por dever zelar pela litteratura nacional. Assim como se nos affigura ser ponto capital organizar qualquer instituição que auxilie os actores que se estorcem na miséria ou vão encontrar a sepultura na America.

EDUARDO DE NORONHA.

## Gemma Cuniberti

Que talento peregrino!

— Eu não sei como, declaro,

Cabe um engenho tão raro

Em corpo tão pequenino!

Não se vê que não se adore!

Tem lagrimas na voz trémula!

E', não ha duvida, a emula

Da Rachel e da Ristori.

Ai! nunca, nunca senti-me

Tão cheio do enthusiasmo.

Arrebata, causa pasmo

Esta creança sublime!

Tal primor de sentimento

Raro vem á luz da scena.

Maravilhosa pequena!

Incomparavel portento!

Artista surprehendente,

Não sei porquê, mas recio

Que a chamma que tens no seio

Te devore de repente...

Visconde de S. Baaventura.

## Primeiras representações

Theatro do Principe Real

O coxo do Bairro Alto, drama em seis actos,  
do sr. Eduino Coelho

Na passada sexta feira, 15 do corrente, representou-se n'esta elegante casa de espectáculos, a nova peça no nome collega sr. Eduino Coelho, intitulada *O coxo do Bairro Alto*.

Segundo as honrosas tradições de seu paes, um dos fundadores do *Diario de Noticias*, Eduino Coelho cultivou as letras com amor e busca elevar-se, sem intrigas nem iniquidades, unicamente por amor ao estudo.

Procurou elle dar-nos uma peça genuinamente popular, e conseguiu-o. No drama ha personagens bem trapalhas e que não se afastam das que encontramos na vida real. Não tem, nem podia ter, grandes primores litterarios de linguaagem, porque o meio em que elle se passa não daria margem a isso; mas tem muita naturalidade e observação, o que já não é pouco n'uma obra theatral.

Não desempenho salientaram-se o actor Roque, fazendo elle muita propriedade e papel de Mathias, o *Coxo*, em que nos deu uma bella creação; Ploto Costa, no *Rebello*, um fideus comerto; Augusto Machado, no papel sympathico de *Beneacta*, e Emilia de Oliveira, que na *Chica* nos mostrou um perfeito typo de mulher do Bairro Alto, cantando, ao som da guitarra, uma quadra do fado, Maria das Dores, Georgina, Caudida de Souza e o resto dos interpretes da peça contribuíram o mais que puderam para que o seu conjuncto fosse perfeitamente harmonico.

A encenação de Pedro Cabral, bem cuidada. A vista da fabrica, no terceiro acto, pintada por Eduino Machado, é de bello effeito. Parabens ao eximio artista.

Houve, como não podia deixar de ser, quem fizesse censuras á peça. Se na nossa terra fosse tão facil produzir como criticar, que bellas obrasitaria a litteratura portugueza! Não quasi sempre os que nada fazem que se arcoram em censores do trabalho alheio.

Eduino Coelho os nossos emboras pelo seu triumpho e esperamos, para melhor o apreciar, vê-lo em trabalhos de maior folejo.

JOAQUIM DOS ANJOS.



## MOVIMENTO THEATRAL

E hoje a revista de actor de Eduino Schwalbach, que veio abrilhantar o theatro portuguez com mais uma joia de precioso valor. O publico e os admiradores de grande talento do actor da *Cruz da esmola* devem encher o theatro D. Amelia, prestando assim uma justa homenagem ao brilhante escriptor.

Aqui nos associamos ás manifestações de applauso que certamente esta noite estrondosamente se hão de fazer ouvir na sala d'este theatro.

\*. A peça em quatro actos, do sr. dr. Coelho de Carvalho, *Casamento de conveniencia*, sobe á scena em D. Maria, no sabbado, 23. Annãõ realisa-se uma unica recita dos *Peraltes e Socias*, completando o espectáculo o drama em um acto *O sonho de um principe*.

\*. O primeiro quadro da revista de Esculapio e Caracelles, que vai representar-se no Rato, é em verso e tem por titulo *As forjas do Vulcano*. O guarda-roupa é de Carlos Cohen, executado sobre desenhos artisticos dos nossos primeiros caricaturistas. O papel de *Carmes* é desempenhado pela actriz Jesuina Marques.

\*. E' a seguinte a distribuição da opera comica em tres actos, *Uma noite em Veneza*, em ensaio no theatro da Avenida.

*Duque de Balmora*, Raposo; *Dr. Macario De laqua*, Rolillo; *Ludovico Landerico*, Salgado; *Dona Estrella*, Penadas; *Caracello*, Dolphina Victor; *O capitão Donariti*, Lopes; *Papaocoda*, Setta da Silva; *Contucio*, Miranda; *Babú*, Rodrigues;

*Pierrino, Barros; Tito, Albuquerque; Ali, Teixeira; Francisco, Villas; Aníto, Teara; Barbara, Sarah; Laura, Laura Ruth; Agrícola, Stolla; Cibolotta, Amélia Pereira; Uma pescadora, Klvira*

N'esta operetta, estreia-se uma nova actriz, Laura Ruth, que, segundo nos consta, possui bastantes dotes para a scena.

\*<sup>o</sup> Anunciação para breve no theatro de S. Carlos a primeira recita da opera **Demonio**, do Rubinstein, da qual se actu os nossos leitores tomaram conhecimento, apesar de ter sido cantada pela primeira vez, em janeiro de 1875, em S. Petersburg.

No intuito de elucidarmos os nossos leitores com relação ao libretto d'esta opera, aqui transcrevemos da importante publicação *Arte musical*, o seu resumo. O poema original do **Demonio** é do celebre poeta russo Lermontoff, e comprehende tres actos e sete quadros, subdivididos em treze scenas.

«Depois de um bom preludio a scena representa uma palazem em meio de montanhas. Através da obscuridade vê-se passar ao fundo o Demonio. Uma série de céros, em que successivamente se manifestam os espiritos rebeldes, os ventos, aguas, fontes, arvorea, flores, rochas e por ultimo as forças da natureza, se fazem ouvir, constituindo a introdução do drama musical. Segue-se-lhes uma disputa entre os bons e os maus espiritos, precedendo a entrada do Demonio, que, á semelhança do profeta do *Metaphisophes*, lança o seu vulto ao Céu. Responde-lhe o Anjo, o que dá lugar a uma impressão e duetto entre meio-soprano e barrytono.

O segundo quadro passa-se ao pé do sol. Tamara em a tia e jovens companheiras desceem do Castello de Gudal (1.<sup>o</sup> baixo) a encetar as suas ampolas no rio que corre no fundo da scena. Enquanto Tamara se dirige a encetar a sua, o Demonio, invisível para as demais personagens, apparece sobre um rochedo, sentando-se para logo fascinado pela belleza da joven e offerece-lhe o maximo poder na terra em troca do seu amor.

Tamara, que, unica, ouviu o canto do Demonio, fica perplexa, e turbada e cheia de curiosidade por conhecer o possuidor da mysteriosa e estranha voz. O scenario muda para um sitio selvagem, com uma capella em ruínas no fundo. Entra o principe do Sinedal com um antigo servo, seu fiel companheiro, e numerosa caravana.

Dirigim-se ao castello do principe Gudal, o pae de Tamara, esposa prometida de Sinedal. A fadiga força-os a acampar alli, afim de descansar os cavallos. Entretanto, sobrevem o Demonio que, antecipadamente, annuncia a proxima morte do Sinedal, que lhe disputa a posse de Tamara. Todos adormecem, e uma horda de tartaros vem impetuosamente yllhar a caravana, matando e ferindo os defensores. Sinedal desperta em meio dos matadouros sonhos d'amor, corre em dengo contra os bandidos, mas recebe um tiro que o prostra sem vida. Assim termina o 3.<sup>o</sup> quadro e o 3.<sup>o</sup> acto.

O 2.<sup>o</sup>, que comporta um unico quadro, passa-se no castello do principe Gudal. Tudo é festa e alegria. Tamara, ricamente vestida, entrega-se á doce esperança de em breve ver chegar o seu prometido e bem amado principe. N'esta persuasão a von confirmar um messageiro de Sinedal, que annuncia a breve chegada do principe com a sua numerosa e rica caravana. Tanta alegria é bem cedo convertida em prantos, com a chegada do velho servo e alguns criados que conduzem o cadaver de Sinedal. Gudal interroga quem o matou e, sabendo-o, concebe rapidamente o desígnio de o vingar com os seus sequazes. A conservação é geral e extremo o desespero de Tamara. N'isto, ouve ella de novo as mesmas palavras do Demonio, do 1.<sup>o</sup> acto, e, cheia de singular curiosidade, diz á mysteriosa voz que lhe appareça. Sem que acceda ao seu pedido por então, o Demonio diz-lhe que espere e o ha de ver em breve. A joven, combatida por tão encontradas emoções, resolve recolher-se a um eluastro de monjas, contra a vontade do pae, que, todavia, cede ao voto geral e á ansiosa supplica da sua estremeocida Tamara. E' o fim do 2.<sup>o</sup> acto.

O quadro seguinte, primeiro do ultimo acto, representa o convento onde Tamara se recolheu. O velho servo de Sinedal constituiu-se a guarda do santo asylo. Volta o Demonio, que pretende acabar a fascinação começada a exercer sobre Tamara. No momento em que vai a transportar a porta do convento surge o Anjo, que, embalde, pretende oppôr-se, mas o Demonio facilmente o repelle e o Anjo parte. O quadro seguinte representa a cella de Tamara, que se encontra impaciente de conhecer a mysteriosa personagem que tão fundamente a turbou com as suas palavras estranhas. Entra o Demonio, e, dando-se-lhe a conhecer, procura por todos os modos induzi-la a que o acompañe. «Pelo teu amor renego e maldigo o mal, prompto estou a confessar e reconhecer o Céu, diz-lhe elle, e a joven, abalada e commovida, senta-se quieto dominada. Recorre, porém, a Deus, animada pelas vozes do côro interno das religiosas, e o seu seductor redobra de insistencia, puitando com as mais vivas côras o que o seu amor lhe reserva. Tamara deixa-se abraçar e beijar por elle, mas n'este instante apparece o Anjo resplandecente; Tamara, desprendendo-se dos braços do Demonio, corre a abrigar-se junto do Anjo, mas apenas chega ao pé d'elle elle cabe morta. Exulta o Demonio, crendo segura a posse de Tamara, mas o côro dos espiritos celestes e o Anjo reivindicam victoriosamente a alma da joven. O Demonio subterra-se furioso, e a scena muda para figurar, a' um ultimo quadro, a apothese do Tamara, transportada ao Empyreo pelos seraphims, em meio d'um côro de arcanjos.»

\*<sup>o</sup> E' na proxima segunda feira que se realisa, no theatro D. Amélia, a festa de Lucilla Simões, com a interessante peça de Dumas, **Francillon**. Recordamos ainda a boa impressão que em nós deixou a formosa actriz quando pela primeira vez a vimos n'esta peça, no theatro da Rua dos Condes, ha já annos.

Repetido agora a **Francillon**, Lucilla Simões mimoseia-nos com uma das suas mais brilhantes creações e a que os progressos atingidos por ella virão dar superior relevo, tornando a peça portanto muito mais curiosa.

\*<sup>o</sup> Depois do carnaval entra em ensaios no theatro D. Amélia a peça de Alfred Capus e Emmanuel Arène, **L'Adversaire**, cuja primeira representação é destinada á festa artistica do illustre actor Augusto Rosa.

Os papéis principaes são desempenhados pelas actrizes Lucilla Simões, Lucilla Simões e Rosa Damasceno e pelos actores Brazão, João Rosa e Augusto Rosa.

\*<sup>o</sup> Faz hoje trinta annos que pela primeira vez Antonio Pedro representou, no theatro de D. Maria II, o drama **Paralytico**. Conjuntamente com Antonio Pedro, representaram os actores Cesar de Lima, Eduardo Brazão, João Gil, Maggioly e as actrizes Virginia e Carolina Falso.



#### Club Simões Carneiro

Com extraordinaria concorrencia, realison-se no domingo ultimo n'este club mais uma recita, sendo a d'essa noite organizada com o concurso do **Club Recreativo**. O espectáculo constou das comédias *Os amores, Mogos e velhos* e *A corda bamba*, tendo sido as duas primeiras já representadas por este grupo e a cujo desempenho já nos temos referido. *A corda bamba*, que não tínhamos ainda visto, foi correctamente representada, sobresahindo principalmente no desempenho as srs.<sup>as</sup> D. Elvira Barros, D. T. M. Arreiros e os srs. Frederico Santos e Antonio Ribeiro, que foram bem secundados pela sr.<sup>a</sup> D. Rosa Barros e pelos srs. Augusto Moreira e Castello Branco.

Pela direcção d'este club, foi offerecido áquelle grupo de amadores, um bonito quadro a que.

#### Academia Recreativa de Lisboa

Promovida pela direcção d'esta academia, realison-se no domingo 17, uma esplendida recita, em que se representou a engraçada comedia em tres actos *Os românticos*, sendo todos os interpretes bastante applaudidos.

O desempenho estava confiado á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Adelaide de Souza e aos srs. Costa Silva, Julio Silva, José Vasques, Augusto Rosa, Arnaldo Soares e José Rieco.

Foi pma que tão apreciados amadores, cujas aptidões para a scena são soberbamente conhecidas, não se emersassem um pouco mais em decorar os seus papéis, porque d'esta falta resultaram algumas scenas fracas e monotonas, sobrecarregando enormemente o sr. Antonio Guia, que arrou com a responsabilidade de pontuar o espectáculo, sabido-se d'essa tarefa airoosamente.

O sr. José Vasques, na interpretação dada á personagem **Alfredo Dubois**, foi feliz, sendo igualmente para apreciar a forma como a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Adelaide de Souza se houve, na parte de **Adelaide Clermond**.

O conjunto foi muito aceitavel, notandose apenas o que acima fica dito.

\*<sup>o</sup> A direcção d'esta academia está trabalhando na organização do programma das deslumbrantes festas, que se realiam nos proximos dias 22, 23 e 24 do corrente, para commoemorar o seu setimo anniversario.

## Ao sr. director geral dos correios

São numerosas as cartas que constantemente recebemos n'esta redacção, reclamando contra a má distribuição do nosso semanario. Ao sr. director geral dos correios vimos pedir a fineza de providenciar de forma a que taes abusos não continuem a praticar-se, não só pelos transtornos que nos causam, mas tambem pelos prejuizos que nos acarretam.



N'um desabafo commigo, contou-me um auctor amigo, como o valor dos seus versos tem effeitos tão diversos! Em rimas de alto valor, fez uma peça, a primor, que ia ser representada em noite determinada; e tão entusiasmado andava, e tão excitado, que noites passaram centos, sem dormir, nem por momentos! Chega a noite descaida, e lá foi representada a grande peça em questão. Viu-se então, que a multidão, que todo o theatro enchia, muito quieta... dormia!

Tvv.

## Bibliographia

**Sol y Sombra.** — Esta esplendida publicação hespanhola dedicou o seu ultimo numero, que temos presente, á visita feita ultimamente pelo seu soberano a Portugal. É um numero deversos interessante, vendo-se intercaladas no artigo descriptivo da viagem, que é firmado pelo nosso amigo e collega sr. Carlos Arbo, mais de trinta gravuras, reproduções de nitidos clichés dos amadores srs. Fernando Viegas e Hogan Teves.

Este numero do *Sol y Sombra* tem tido grande procura em Lisboa, pois é uma bella recordação, para archivar, das festas realisadas em honra de Afonso XIII.

## EXPEDIENTE

Com o numero anterior enceton a publicação da segunda série do nosso jornal.

Aos nossos estimavellos assignantes, a quem aqui agradecemos o auxilio prestado ao nosso semanario, pedimos a espectral fineza de mandarem reformar as suas assignaturas, para não soffrerem interrupção na remessa.

Santos, Vieira & C.<sup>ta</sup>

**Romeu e Julieta**

Todas conhecem estas dois nomes como sublimes modelos de amantes desditos. A historia d'esses amores celebra-se n'uma scena descrita no romance *Romeu e Julieta*, inspirado na tragedia de Shakespeare. E s'icho com gravuras. Lata fasciculo de reis, cada uma com reis. Empresa Lito-artaria Fluminense, Rua dos Retiros, 120 - Lisboa.

**Lanternas**

Para illuminaçao de estabelecimentos. 25000 réis por mat. incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ÉCLAIRAGE INTENSIF

Rua de Cravallado, 110 - Lisboa

FABRICA NACIONAL

**PAPEIS PINTADOS**

DE DE DIAN TEXEIRA & C.<sup>ta</sup>

Papeis pintados para forrar casas, papéis malés, tecidos e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photographia, Encadernação, Cartões-gens, etc.

Deposito para venda a retalho: *José Naveiro d'Aguiar & C.<sup>ta</sup>* (P.<sup>ta</sup>), 15, Avenida da Liberdade

17, *José Miguel dos Santos em C.<sup>ta</sup>*, 109, Rua Nova do Almada, 104.

DEPOSITO GERAL E RECEPTORIO

25 RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 - LISBOA

Fabrica Nacional de Conservas

MOVIDA A VAPOR

**Ginjal - Almada**

(Antiga Fabrica da Rua do Povo dos Negros)

DE

**A. LEÃO & C.<sup>ta</sup>**

SUCCESSORES DE LINO & C.<sup>ta</sup>

Escritorio - Rua de Paço dos Negros, 103 e 103-A

LISBOA

PIERRE SALLES

**AVENTURAS PARISIENSES**

**A FORMOSA COSTUREIRA**

Elegante publicação nitidamente impressa e illustrada com gravuras das melhores artistas francezas.

Brindes mensaes a todos os assignantes (sem excepção)

Uma bonita capa impressa a cores, para brochear cada volume de 144 paginas.

Condições da assignatura. As *Aventuras Parisienses* serão publicadas em fasciculos mensaes de 2 ou 4 folhas distribuidas á vontade do assignante e ao preço de 10 REIS cada folha de 8 paginas com 1 ou 2 gravuras.

Tambem se assigna a volumes mensaes de 144 paginas com 21 gravuras, brochados, tendo as capas diversos desenhos allusivos a cada episodio do romance, por 200 réis.

Assigna-se:

EM LISBOA

Antiga Casa Bertrand - **JOSÉ BASTOS**

Rua Garrett, 73 e 75

NO PORTO

Centro de Publicações - Praça de D. Pedro

E em todas as terras do reino, ilha, provincias ultramarinas e Brazil, onde a Empresa tem correspondentes.

FABRICA NACIONAL

DE

**Tintas typo-lithographicas**

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

DEPOSITO

Rua Ivens, 70 - LISBOA

"A EDITORA"

SOCIÉDADÉ ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Antiga Casa DAVID CORAZZI

Presentada em varias exposições

Grande variedade de obras litterarias e scientificas nacionaes e estrangeiras (Catalogo de 1905 - Gratia)

**Grandes officinas a vapor**

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS E LITHOGRAPHICOS em todos os generos comprehendendo execução ou composição de desenhos e gravaturas

Cartões-gens e encadernações em percalinas, pelles ou tecidos de seda Modelos ecommuns de grande phantasia

PERFECTO ACABAMENTO - BOM GOSTO - PONTUALIDADE Preço modico em todos os trabalhos

PORTUGAL - O GDE. S. B. LEBEA

Endereço telegraphico-TIPOEDITORA

**MALA DA EUROPA**

JORNAL SEMANAL, ILUSTRADO, DE GRANDE FORMATO

Propriedade de JOSÉ DE MELLO

Redacção e Administracão: Largo do Conde Barro, 20 - Lisboa

A MALA DA EUROPA, que apparece em 1905, tem em cada numero uma chronica, onde se dá conta dos acontecimentos politicos da semana, um d'annuario illustrado de Lisboa e Porto, correspondencias de outras localidades de P. rugal, de modo que basta ler a para se ficar ao corrente de todas as noticias occorridas.

A MALA DA EUROPA, com o titulo *Le monde portugais*, publica tambem uma chronica em francez, destinada a informar as q' desconhecem o nosso idioma, dos principaes factos da vida portugueza.

A MALA DA EUROPA publica em cada numero grande numero de gravuras, por vezes coloridas, reproduzindo os acontecimentos mais importantes da semana, retratos, vistas, etc., etc.

**Nestlé**

Farinha Lactea

M. CORREIA PINTO & COM.<sup>ta</sup>

ARTIGOS DE PAPELARIA

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAÇÕES

DEPOSITARIOS de "A EDITORA"

Antiga Casa David Corazzi

R DE S. NICOLAU, 71, 73 - LISBOA

(Entre a R. Augusta e a R. do Ouro)

Aos Colleccionadores

**Brindes**

UTIS E BARATO

ALBUNS PARA 400 BILHETES POSTAES

A 25000 réis (DOIS MIL REIS)

PAPELARIA BIZARRO & SILVA

78, Rua do Ouro, 80 - LISBOA

**J. SANTOS ROCHA**

Rua do Arsenal, 98

Grande sortimento de bilhetes postaes illustrados. N. os para o lito e os - Tabacos nacionaes e estrangeiros - Illustrações estrangeiras - Anal pautas permanentes de figurinos para mulheres e senhores

PARA AS FESTAS

**Bilhetes postaes illustrados**

ALBUNS PARA OS MESMOS

Esta artigo e recebido directamente d'Alhambra e vende-se por preços sem comparação.

**TABACARIA COSTA**

295, Rua do Ouro (Esquina do Rocio)

**MECO & IRMÃO**

DEPOSITO de

**PAPEIS DE IMPRESSÃO**

23, 21, 22, Largo da Abegoria, 23, 24, 25

LISBOA

**TABACARIA ESPERANÇA**

ESTAMPILHAS, LETTRAS E PAPEL SELLADO

Deposito de tabacos nacionaes

++ ++

**Azevedo & Azevedo**

2, Rua da Espo-ança, 8 - 1, Rua do S. Bento, 5

LISBOA